



Federação Espírita Portuguesa













Departamento Infanto-Juvenil

Plano de Aula

Grupo Etário: 5-10 anos **Tema:** A Prece
Aula N° 05

Objectivos Específicos:

- Conhecer o Pai Nosso
- Identificar no Pai Nosso o pedido, o agradecimento e o louvor a Deus

Conteúdo	Actividades
<p> O Pai Nosso é uma prece que nos foi ensinada por Jesus; é o mais perfeito modelo de simplicidade; encerra um acto de adoração e de submissão, o princípio das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade.</p>	<ul style="list-style-type: none">  Iniciar a aula com uma prece.  Pedir às crianças que mostrem o desenho feito em casa como Tema Livre.  Dividir a turma em quatro grupos, convidando os alunos a montarem quatro quebra-cabeças (anexo 1), um por cada grupo.  Pedir às crianças que falem das figuras encontradas nos quebra-cabeças, estimulando-as a responderem às respectivas perguntas (anexo 1).  Comentar as respostas, com o auxílio do anexo 2.  Convidar as crianças a ouvir a oração “Pai Nosso”, pronunciando-a com voz clara e pausada a fim de que todos a compreendam bem (anexo 3).  Dizer-lhes que o “Pai Nosso” foi a prece ensinada por Jesus aos seus discípulos. É uma prece que louva, pede e agradece a Deus.  (Caso predominem alunos com idades compreendidas entre os 5 e os 8 anos de idade) Solicitar-lhes que pintem as figuras do quebra-cabeças (a aula deverá terminar com esta actividade, seguida da prece de encerramento).  (Caso predominem crianças de 9/10 anos) Expôr brevemente o significado do “Pai Nosso”, frase por frase, com base na sugestão do anexo 4.  Propôr a actividade de avaliação de conhecimentos sugerida no anexo 5.  Concluir a aula convidando uma das crianças a fazer uma prece ou proferindo o “Pai Nosso”.

Recursos

✓ anexo 1	✓ anexo 2	✓ anexo 3	✓ anexo 4	✓ anexo 5
-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

Avaliação

✓ A aula será considerada satisfatória se as crianças participarem, com interesse, respondendo correctamente à actividade da Exposição Visual (anexo 5).
--

Tema Livre (para casa)

● Escolher uma frase do “Pai Nosso” e ilustrar ou explicar.

Anexo 1

Actividade Quebra-cabeças

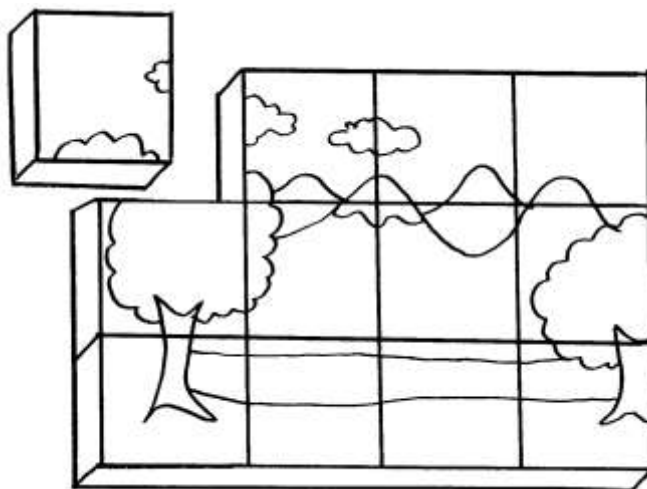
Material: (para confecção de 4 quebra-cabeças pelo Monitor)

- 12 rectângulos de K Line ou cartão grosso para cada jogo. Total 48 rectângulos do mesmo tamanho;
- 4 figuras do tamanho correspondente ao conjunto das caixas (em anexo);
- Cola;
- X-ato.

Execução:

- Reproduzir as figuras (se desejado ampliá-las);
- Reunir os 12 rectângulos para cada jogo formando um rectângulo grande;
- Passar cola na parte de cima dos rectângulos e colar a figura unindo-a ao conjunto dos rectângulos;
- Com o auxílio de um X-ato e de uma régua cortar as figuras nos espaços entre os rectângulos, tornando a separá-los;
- Se desejado, e caso a turma seja composta na sua maioria por alunos de 9/10 anos, essas figuras podem ser pintadas e plastificadas antes de serem cortadas (uma vez que nesse caso os alunos não terão como actividade da aula a ilustração das mesmas).

Exemplo:





Actividade:

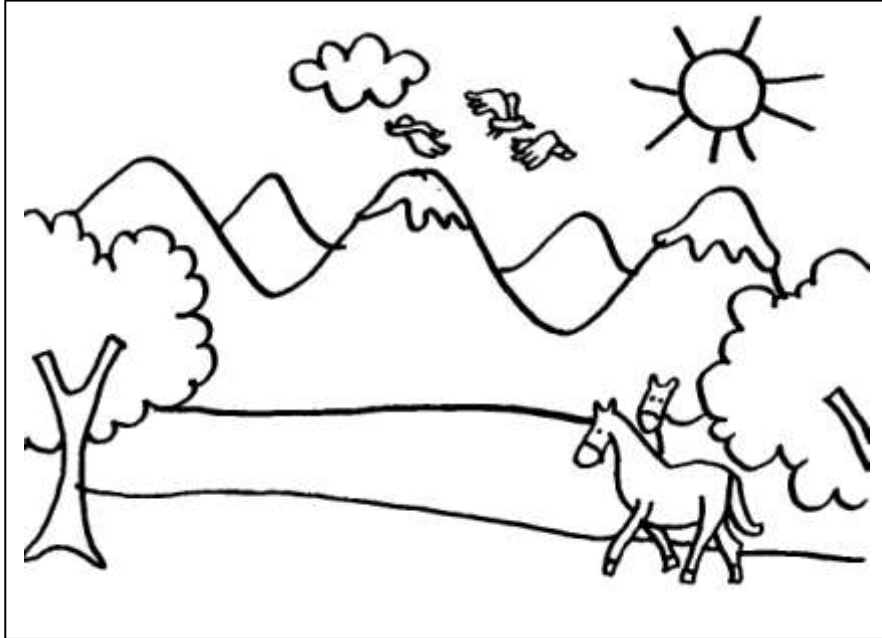
- Dividir a turma em 2 ou 4 grupos conforme o número de alunos;
- Distribuir um quebra-cabeças por grupo, ou dois por cada, caso sejam apenas dois grupos;
- Após montarem os quebra-cabeças, o Monitor deve solicitar que descrevam a figura para a turma, iniciando um diálogo através das perguntas sugeridas, fazendo a ligação com o conteúdo do anexo 2.

Sugestões de figuras e perguntas

Quebra-cabeças 1

Quem fez a Natureza?

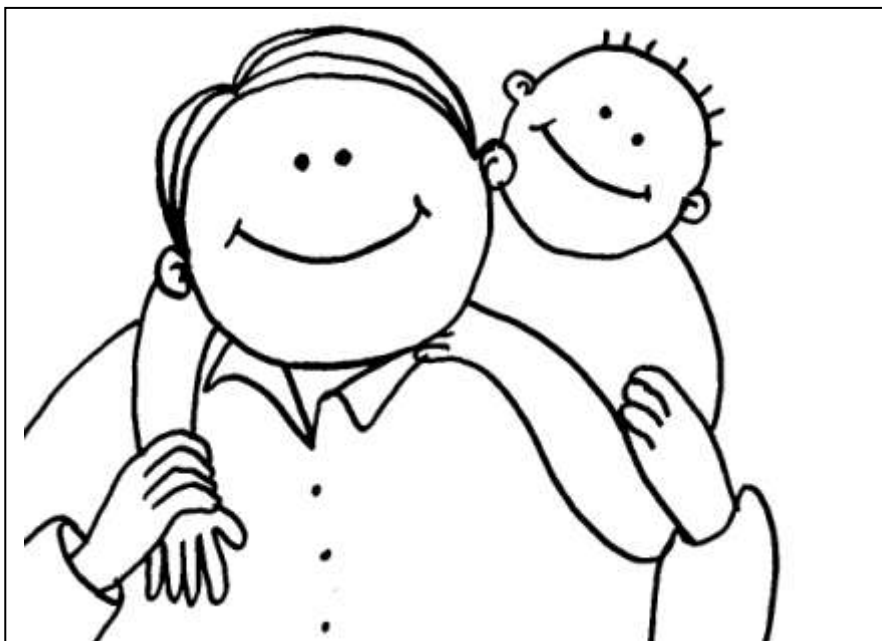
Como podemos agradecer a Deus as coisas belas que Ele nos deu?



Quebra-cabeças 2

Porque é que as pessoas se abraçam?

Deus quer que nos amemos uns aos outros? Porque razão?



Quebra-cabeças 3

Porque é que trabalhamos?

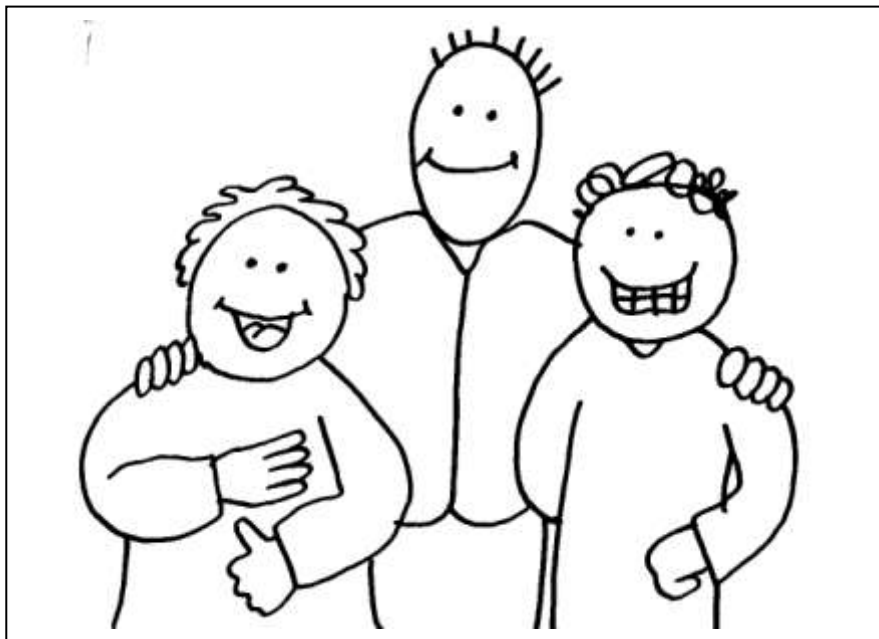
Deus concedeu-nos o trabalho? Para quê?



Quebra-cabeças 4

Quando é que devemos perdoar os nossos semelhantes?

É bom perdoar? Porquê?





Anexo 2

“A prece é uma demonstração de humildade da criatura para com o Criador; não pode, por conseguinte, servir de estímulo ao orgulho dos homens...”

“É verdade que o Pai sabe o que é necessário a cada um de nós, antes que Lhe peçamos (...) contudo, temos obrigação de orar, tanto assim que Jesus nos ensina como devemos orar.

A prece é um dever e uma necessidade.

Como dever, é um acto de adoração e de agradecimento ao Pai, do qual recebemos a vida!

É uma necessidade, porque é por meio da prece que movimentamos as forças magnéticas que nos protegerão contra as forças maléficas do invisível; e com ela melhoramos a nossa vida (...).

O Pai Nosso, a oração universal, por excelência, a prece que Jesus nos ensina, além de ser uma oração completa que dirigimos a Deus, é também uma norma de bem viver, um guia seguro para vivermos cristamente.”(1)

1. Pai nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome.

Louvamos a Deus, nosso Pai, que está em toda a parte, pois Ele é o autor de todo o Universo. Rendemos-Lhe graças por tudo o que nos dá e desejamos, profundamente, que o Seu nome seja pronunciado por todos com gratidão, ternura e devoção.

2. Venha a nós o teu reino!

O reino de Deus é pleno de leis sábias e justas que nos dariam a felicidade eterna se as cumpríssemos sempre. Deus deu-nos a liberdade de escolha entre o bem e o mal. Portanto, só depende de nós mesmos retardar ou apressar a implantação, na nossa consciência, do Seu reino de paz, de justiça e amor. Devemos, pois, esforçarmo-nos cada vez mais no cumprimento das Leis divinas, para que possamos ser verdadeiramente felizes.

3. Faça-se a Tua vontade, assim na Terra como no Céu.

Fazer a vontade de Deus é observar as Suas Leis e submeter-se, sem queixumes aos Seus decretos.

4. Dá-nos o pão de cada dia.

Pedimos a Deus o pão de cada dia, isto é, os meios de adquirirmos, pelo trabalho, as coisas necessárias à vida, porquanto ninguém tem o direito de pedir o supérfluo. Deus ajuda o homem que n’Ele confia, no que se refere ao necessário; não porém, o homem que se compraz na ociosidade e que tudo quer obter sem esforço próprio ou que apenas busca o supérfluo.

5. Perdoa as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos ofenderam.

Cada uma das nossas infracções às leis de Deus é uma dívida que contraímos e que cedo ou tarde teremos que saldar. Pedimos a Deus que nos perdoe essas dívidas sob a promessa de empregarmos os maiores esforços para não contraírmolas outras. Pedimos, também, que nos conceda forças para apagar da nossa mente todo o ressentimento, todo o ódio, todo o rancor e desejo de vingança.

6. Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.

Suplicamos a Deus forças para resistir às sugestões daqueles que tentam desviar-nos do caminho do bem, inspirando-nos maus pensamentos. Imploramos amparo nas nossas fraquezas, pois reconhecemos criaturas fracas, portadoras de muitos erros cometidos nesta e em vidas passadas.



Pedimos a Deus que permita aos nossos Protectores Espirituais inspirem-nos sempre o desejo de vivenciarmos o bem, para que nos possamos livrar do mal.

7. Assim seja.

Que os nossos desejos se efectivem, Senhor, se assim o desejares. Que em todas as coisas que nos escapam à compreensão, se faça a Tua vontade e não a nossa, pois somente queres o nosso bem e melhor do que nós sabes o que nos convém. (2)

Como Orar

“Portanto, vós orareis assim: Pai nosso que estais no Céu, santificado seja o teu nome; venha a nós o teu reino, faça-se a tua vontade assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores. Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos de todo o mal. Assim seja”. (MATEUS 6, 9-13)

A oração, em essência, expressa sentimentos. As palavras ajudam a exprimi-los, mas podem também esvaziá-los, se repetidas muitas vezes. Desaconselhável, pois, o uso habitual de formas verbais, que transformam a oração em reza – ideias penduradas no cérebro, que se extravasam pela boca sem interferência do coração.

Geralmente a reza assume características mágicas. O “Pai Nosso”, repetido algumas dezenas de vezes, seria capaz de purificar o espírito, invocar a protecção dos Anjos, resolver um problema.

Usam-na, pessoas ingénuas, como uma fórmula cabalística, pronunciada mecanicamente, pensamento longe, pressa em chegar ao fim. Orações assim não ultrapassam o tecto da superficialidade – há muitas palavras e uma intenção, mas nenhum sentimento.

Às vezes o crente formula promessas: “Se Deus atender as minhas rogativas, rezarei duzentas vezes o “Pai Nosso”, por intenção das almas sofredoras!” Isto é mais lamentável ainda, porque se trata de um negócio que propomos a Deus, e desonesto, pois o que se está oferecendo em troca de benefícios importantes não significa nada em virtude das limitações impostas pela reza.

O “Pai Nosso” não deve ser tomado à conta de mera fórmula verbal, cujo poder esteja na quantidade de vezes que venha a ser pronunciado. É preciso recordar, que ao apresentar a oração dominical, Jesus propunha-se a mostrar aos discípulos como orar. Nele, portanto, temos a nossa atitude na oração, dos sentimentos que devemos mobilizar, a fim de que alcancemos a comunhão com a Espiritualidade Maior.

Começa Jesus dizendo: “Pai Nosso que estás no Céu.”

Como Moisés, Deus era o Senhor dos exércitos, soberano despótico, terrível, que se vingava até à quarta geração daqueles que o ofendiam. Jesus no-lo apresenta como o Pai Celeste, que devemos evocar com a mesma confiança de quando, nos verdes anos, buscavamos a protecção paterna.

“Santificado seja o teu nome.”

O nome de Deus é sagrado. A oração, por isso, não pode ser vulgarizada. Ainda que oremos várias vezes ao dia, é preciso fazê-lo sempre com muito respeito, mobilizando o que há de melhor em nós.



“Venha a nós o teu reino”.

Jesus ensinava que o Reino de Deus é uma realização íntima da criatura humana, representando a integração da nossa alma nos propósitos da Criação. Começamos a construí-lo quando nos empolgamos pelo ideal de servir. Trabalhando pela sua edificação na Terra, com a prática do Bem que nos eleva da inércia para a condição de colaboradores do Céu, acabaremos por encontrá-lo em nosso próprio coração.

“Seja feita a tua vontade assim na Terra como no Céu”.

Observando esta orientação, jamais seremos atingidos pelo desespero, pela revolta, pelo desânimo. Aceitando a vida e seus eventos, como um conjunto de experiências necessárias à nossa edificação, estaremos habilitados a fazer o melhor, conservando a paz e valorizando as experiências humanas.

“O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”.

De Deus devemos esperar o nosso sustento, sempre, conscientes, entretanto, de que, se o Senhor nos dá o trigo, compete-nos o esforço de fazer o pão. Ele nos oferece os patrimônios da Vida, mas o esforço de viver é nosso.

“Perdoa as nossas dívidas assim como perdoamos aos nossos devedores”.

Ninguém está isento de erros. Há tanto mal de que devemos pedir perdão a Deus!... Por isso é preciso perdoar. Afinal os que nos ofendem também são seus filhos. Como merecer o perdão de nosso Pai sem perdoar os nossos irmãos? Como amá-lo odiando seus filhos?

“Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos de todo o mal.”

Protecção jamais nos faltará ante as arremetidas da sombra, desde que guardemos a disposição de fazer o melhor, conscientes de que somos tentados, não por circunstâncias exteriores, mas pelo mal que existe em nosso próprio coração.

E Jesus termina dizendo simplesmente: “Assim seja”.

Assim deve ser. Os princípios básicos apresentados na oração dominical constituem o roteiro da nossa comunhão com Deus, conscientes de que na luta pela conquista da felicidade e da alegria, da paz e da afectividade, se fizermos um pouco, Deus fará o resto. (3)

1. RIGONATTI, Eliseu - *O Evangelho dos Humildes*, Pensamento, São Paulo, Continuação do Sermão da Montanha, esmolas, oração, jejum, p 43 e 44.
2. KARDEC, Allan - *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 109ª edição, FEB, Rio de Janeiro, 1994, Colectânea de preces Espíritas, item 3, p. 388-393.
3. SIMONETTI, Richard - *A Voz do Monte*, 4ª edição, FEB, Rio de Janeiro, 1991, Como orar, p. 121-124.



Anexo 3

Pai Nosso

Pai nosso, que estás no céu, santificado seja o Teu nome.

Venha a nós o teu reino!

Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu.

Dá-nos o pão de cada dia.

Perdoai as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos ofenderam.

Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.

Assim seja.

Anexo 4

Actividade de exposição

Preparação:

- Fotocopiar e ampliar cada uma das frases do “Pai Nosso” e a respectiva análise, apresentadas no anexo 2;
- Recortá-las individualmente em forma de tira, separando cada frase do “Pai Nosso” da sua análise;
- Colá-las separadamente sobre tiras de cartolina colorida;
- Utilizar a técnica do flanelógrafo para apresentá-las à turma, alternando cada frase com a sua análise e fazendo um breve comentário.

Exemplo:

Pai Nosso que estás no céu, santificado seja o Teu nome

Louvamos a Deus, nosso Pai, que está em toda a parte, pois Ele é o autor de todo o Universo. Rendemos-Lhe graças por tudo o que nos dá e desejamos, profundamente, que Seu nome seja pronunciado por todos com gratidão, ternura e devoção.



Actividade de avaliação de conhecimentos adquiridos na aula

- Retirar do flanelógrafo utilizado na actividade do anexo 4, os pequenos textos relativos à análise de cada uma das frases do “Pai Nosso”, mantendo fixas estas últimas;
- Misturar os textos retirados sobre uma mesa;
- Propor aos grupos formados na primeira parte da aula que recoloquem no flanelógrafo os textos, fazendo corresponder cada um com a respectiva frase a que se refere.